



# CRIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO NUMA CRÔNICA DE GREGÓRIO DUVIVIER

## ENSAIO SOBRE UMA FRÁGIL DEMOCRACIA

**Daniel Souza de Oliveira**

(UFBA - Mestrado)

| INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES   |
|--|
| <p><b>Daniel Souza de Oliveira</b> é mestrando do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da UFBA, em Salvador. É orientando da Prof.<sup>a</sup> Dra. Cássia Lopes. Pesquisa a crônica brasileira, em sua dimensão política, diante das crises históricas, estruturais e contemporâneas. E-mail: <a href="mailto:souzadeoliveira.d@gmail.com">souzadeoliveira.d@gmail.com</a>.</p> |

| RESUMO   | ABSTRACT  |
|--|---|
| <p>O artigo, através de recursos ensaísticos, pretende debater o processo democrático brasileiro e a crônica política, diante de um texto de Gregório Duvivier. A crônica de Duvivier possibilita discutir a representação literária e o ato de criação. Num entre-lugar do jornalismo opinativo e da criação literária, a crônica é objeto próprio para investigações sobre a democracia, as crises políticas e experiências subjetivas micropolíticas.</p> | <p>This article, through resources from the essay textual gender, intends to debate the Brazilian democratic process and the political chronicle, in a text by Gregório Duvivier. Duvivier's chronicle makes possible the discussion between literary representation and the act of creation. In a space between journalism and literary creation, the chronicle is an object for investigations about democracy, political crises and micropolitical subjective experiences.</p> |

| PALAVRAS-CHAVE                               | KEY-WORDS                                     |
|--|---|
| Crônica; Democracia; Representação Literária | Chronicle; Democracy; Literary Representation |

## INTRODUÇÃO

A democracia brasileira, no século XXI, ainda é caracterizada pela instabilidade e fragilidade. Após três décadas de restauração democrática, com o fim da ditadura militar, outra grande crise mancha o processo histórico brasileiro: Dilma Rousseff foi deposta em 2016 num cenário político polarizado, numa disputa centrada no binômio “*impeachment*/golpe”. O ex-presidente Lula foi preso, em 2018, ano eleitoral, numa ação penal que em 2021 será anulada pelo STF, por parcialidade do juiz (Sérgio Moro), além da inadequação dessa vara federal para julgamento da ação (incompetência).

Nesse contexto, é eleito Jair Messias Bolsonaro. O novo governo atravessou a pandemia de *covid-19*, que trouxe uma grave crise sanitária e humanitária ao país, intensificando a crise econômica. O governo pode ser caracterizado pelo modo como decidiu enfrentar a pandemia: desestimulando o isolamento social e o uso de máscara, insistindo e incentivando a prescrição de medicamentos sem comprovação científica para tratamento da doença, em detrimento da aquisição e produção de vacinas.

Esse ensaio, nos dois parágrafos iniciais, parte da tentativa de representar a crise democrática recente numa narrativa sucinta. Nesse caso, foi construído um discurso sobre a democracia brasileira, a partir de fatos políticos. Assim também faz o jornalismo ao narrar os fatos cotidianos, as decisões políticas, os processos eleitorais etc. O jornalista seleciona fatos, falas, imagens e constrói a notícia, como espelho da realidade. Contudo, a tentativa de representar a realidade através da notícia incorre nos vícios do espelhamento. Cada espelho, fotografia ou olhar tem sua distorção.

Nesse ensaio, será proposta uma leitura sobre uma crônica do ator, escritor e roteirista Gregório Duvivier. A crônica “A vida é montanha-russa, e só se pensa em 2022, mas ainda não superei 2018”, publicada em 9 de março de 2021, na *Folha de São Paulo*, oferece elementos para discussões sobre a representação literária e o processo democrático brasileiro. O texto propõe uma representação do ato criativo de um cronista, oferecendo terreno para investigar esse gênero literário. Será discutido em que medida a tradição da representação permanece na literatura e de que modo a criação age no mundo, como política, estética e resistência.

## 1 A CRÔNICA NUMA ZONA CINZENTA

A crônica é um gênero literário que habita o entrelugar do fato e da ficção. Colhe nas experiências cotidianas, elementos para a criação artística. Divide com as notícias e opiniões o território jornalístico, as páginas dos jornais, os *sites* de notícias, os *blogs*. A crônica, como texto literário, não quer transmitir o fato como notícia. O cronista não assume o compromisso com a verdade, mas através dos fatos políticos e sociais cria literatura.

O texto cronístico está entre o jornalismo opinativo e a escrita literária. Muitos escritores e jornalistas lapidaram as formas da crônica nesse encontro de ofícios, tais como Rubem Braga, Raquel de Queiroz, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues. Há uma intimidade entre os fazeres jornalísticos e cronísticos como modos de representar e interpretar fenômenos, fatos, acontecimentos, eventos, e quaisquer ações do cotidiano. A crônica, assim como o jornalismo, é testemunha do dia, dos costumes, dos temas noticiados, dos corpos e arquiteturas da política e da cultura. Contudo, no fazer cronístico – no escrever – há a dimensão criadora, em primeiro lugar, em lugar privilegiado.

A escrita da crônica não está comprometida e submetida à transmissão discursiva do verídico, mas possibilita a livre interpretação, o trânsito desimpedido, entre fatos, subjetividades e imaginação. Na escrita da crônica, portanto, inscreve-se no mundo algo que não existia: uma imagem, metáfora, narrativa, pensamento, algo que se desprende dos fatos e da cotidianidade e se materializa em palavras. Cabe preservar um olhar atento ao conceito de representação, tal como costuma ser situado na teoria literária, tendo em vista que dele podem escapar as ações de criação e de inovação da escrita.

Quanto à tradição da crônica, Antônio Cândido (1992) encontrou no “folhetim” – pequeno comentário sobre temas diários nos jornais, no século XIX – a formação do gênero. José de Alencar e Machado de Assis são exemplos de escritores que publicavam semanalmente seus comentários e esboçavam, assim, o lugar da crônica na literatura brasileira. Cândido destaca Rubem Braga, a partir da década de 1930, como marco de amadurecimento do gênero literário.

Dessa avaliação podemos inferir o lugar originário da crônica, uma especial relação com o jornalístico, tanto em relação aos autores, quanto aos meios de publicação. O amadurecimento do gênero amplia as formas e meios de publicação, a ponto de observamos como a escrita cotidiana nas redes sociais, blogs, as colunas de jornais, os roteiros audiovisuais manifestam traços, vestígios e tangenciamentos com a criação cronística. Para além do formalismo da definição de um gênero, percebemos um modo de criação cronística, que atravessa cotidianos e formas discursivas, em

múltiplos contextos, práticas e finalidades.

Na crônica “A vida é montanha-russa, e só se pensa em 2022, mas ainda não superei 2018”, Gregório Duvivier entrelaça o cotidiano familiar aos fatos políticos recentes que marcam o processo democrático brasileiro, na contemporaneidade. Através da fusão entre subjetividade e experiências coletivas, o texto é adequado à investigação sobre a representação literária da democracia brasileira.

No título e no desfecho da crônica uma imagem se torna conceito para a representação do cotidiano e da vida, diante da sucessão de fatos, no âmbito particular ou na política institucional. “Que montanha-russa, a vida” é o pensamento produzido a partir das divagações do narrador, diante dos fatos do seu cotidiano familiar e dos acontecimentos políticos recentes na democracia brasileira. Instabilidade, imprevisibilidade, mudanças abruptas, surpresas, variações de velocidades e de emoções marcam a montanha-russa, a vida e o processo democrático brasileiro.

O encontro entre a gata cinza Yoko e um filhote de pássaro sanhaço-cinzento caído do ninho é o ponto de partida para a narrativa que se desfia em pensamento sobre a democracia no Brasil. O filhote de sanhaço-cinzento nas patas da gata cinza é a primeira imagem revelada. Em escala de cinza, o narrador oferece uma simples cena cotidiana. A cor da gata se repete na cor do passarinho, mas a veterinária revela: “deve ficar esverdeado quando adulto”. Uma nova cor surge na paleta, como promessa de futuro.

“Carioca” é o nome dado ao filhote, “um nome neutro”, pois não se sabe o gênero. É primeiro de março, aniversário da cidade do Rio de Janeiro. Cinzento e indefinido, o personagem filhote representa a crônica, gênero literário habitante de uma zona cinzenta, de uma fronteira indefinida, maleável. A crônica, narrativa-pensamento sobre o tempo, o cotidiano, os fatos recentes, convida a um olhar contemporâneo, pertencente a uma época, mas em exercício de estranhamento, tal como descreve Giorgio Agamben (2014). A crônica tem por objeto a representação da experiência subjetiva, singular, diante da existência, da coletividade, dos acontecimentos. Busca nos vestígios da realidade, os elementos para a criação literária. A crônica é uma névoa que distorce a fronteira entre o fato e a ficção.

O alcance microscópico desse gênero literário, na contemporaneidade, é traço do trabalho contínuo da criação literária, sob um longo processo histórico de transformações sociais e políticas, nas quais são observadas as molduras e estruturas das representações artísticas. O narrador da crônica de Duvivier logo anuncia: “Sempre quis escrever sobre passarinhos que pousassem na janela. Nunca escrevi por falta de passarinhos”. É possível escrever sobre o ínfimo, sobre o cotidiano



mínimo, sobre uma fotografia do dia. Certamente, nunca faltaram pássaros, mas cabe ao artista livremente escolher os objetos e temas para sua criação. O narrador conclui:

Impossível, no Brasil de hoje, escrever sobre pássaros. Só se pensa em 2022—e ainda nem processei 2018. Continuo revoltado com o golpe de 2016, sigo comovido pela eleição de 2002 e atravessado pelas quase 2.000 mortes por dia em 2021 —isso sem contar os pássaros.

Embora a chegada do passarinho tenha afetado o cotidiano da sua família, o narrador constrói um pensamento sobre a democracia brasileira a partir da agonia e da fragilidade do filhote, do encontro inesperado, do sumiço e do achado de outro ninho. Um enredo com fatos inesperados, como uma montanha-russa, como a democracia brasileira.

A crônica é lugar privilegiado ao micro, às pequenas movimentações do dia. Embora possa narrar acontecimentos públicos ou de grande impacto, trata-se de um território discursivo minoritário, em “devir” (DELEUZE; GUATTARI, 2015), em transformação a partir das estruturas hegemônicas, para alcance das experiências e traços menores de subjetividade e criação. Sob um olhar singular, mínimo, ou uma linguagem autoral a crônica pode narrar os fatos políticos institucionais, o processo histórico ou as vivências mínimas cotidianas.

## 2 LITERATURA E MONTANHA-RUSSA

A liberdade de expressão artística é filha da democracia moderna. Em outras épocas o trabalho artístico estava subordinado às regras formais rígidas, estruturantes de cada sociedade. Jacques Rancière (2018) demonstra os diferentes regimes sobre a arte no processo histórico. O regime Estético nasce com a reestruturação de um mundo, antes centrado nos reis e na igreja, sem mobilidade social, sem liberdade individual. A partir dos ideais iluministas e da Revolução francesa, uma nova ordem social surge na Europa, centrada na liberdade individual. Essa nova estrutura permitirá à arte se desvencilhar dos modelos rígidos. Há, portanto, um nascimento comum entre as liberdades individuais e a autonomia da arte.

Michel Foucault (1999) propõe uma leitura da obra “*Las Meninas*”, de 1656, do espanhol Diego Velázquez, - *Museo del Prado*, Madri (2021). Apenas o espelho ao fundo da imagem torna visível a quem cabe, na representação clássica, a posição de modelo. Contudo, nessa tela vemos o artista no ato de pintura. Foucault explica (p.20):

Talvez haja, neste quadro de Velásquez, como que a representação da representação clássica e a definição do espaço que ela abre. Com efeito, ela intenta representar-se a si mesma em todos os seus elementos, com suas imagens, os olhares aos quais ela se oferece,



os rostos que torna visíveis, os gestos que a fazem nascer. Mas aí, nessa dispersão que ela reúne e exhibe em conjunto, por todas as partes um vazio essencial é imperiosamente indicado: o desaparecimento necessário daquilo que a funda — daquele a quem ela se assemelha e daquele a cujos olhos ela não passa de semelhança. Esse sujeito mesmo — que é o mesmo — foi elidido. E livre, enfim, dessa relação que a acorrentava, a representação pode se dar como pura representação.

Foucault descreve uma fissura na representação clássica. Ao representar o ato de produção da pintura clássica, o artista expandiu as dimensões da tela para o lugar de onde o espectador a mira. Há coincidência entre a posição dos espectadores e dos modelos: o rei e a rainha foram deslocados para o vazio. São denunciados apenas pela representação de um reflexo no espelho, na profundidade da tela pintada. O espectador ocupa o mesmo lugar da realeza e, assim, o sistema clássico de representação é embaralhado.

Rancière identifica esse sistema com o regime Representativo, no qual a arte não era valorizada pela originalidade, mas pela capacidade de se aproximar rigorosamente dos modelos clássicos e das obras tradicionais. Esse regime tem raiz na Antiguidade Clássica, época na qual a arte se caracterizava pela hierarquização dos objetos e temas, pela *mimesis* como modo de emular a natureza e a tradição. O estudo da *mimesis* na Grécia Antiga contribui para a compreensão das representações literárias, diante da divergência observada entre “A República” (2014) platônica e “A Poética” (2017) aristotélica. Contrapõe os pensamentos de Platão e Aristóteles quanto ao lugar da Arte. Para Platão, a representação artística é falha, ilusória, enganadora, distorcida, incapaz de educar, de transmitir ideias e conceitos

Luísa Severo Buarque de Holanda (2021) destaca a contribuição de Aristóteles quanto à caracterização da poesia como *tekhné*, como uma técnica própria, delimitada em seu domínio e diferenciada das outras atividades filosóficas e políticas. A partir do conceito de catarse, Aristóteles valorizou a tragédia como produtora de conhecimento, pois através de uma encenação bem estruturada, considerava possível atingir o efeito catártico, e transmitir ao público as experiências representadas em cena. Como observa Jacques Rancière (2018, p. 24-25), Aristóteles identifica a politicidade da tragédia:

Tomemos o exemplo da cena trágica. Para Platão, ela é portadora da síndrome democrática ao mesmo tempo que do poder da ilusão. Isolando a “mimesis”, em seu espaço próprio, e circunscrevendo a tragédia em uma lógica dos gêneros, Aristóteles, mesmo que não se tenha proposto a isso redefine sua politicidade. E, no sistema clássico da representação, a cena trágica será a cena de visibilidade de um mundo em ordem, governado pela hierarquia dos temas e a adaptação, a esta hierarquia, das situações e maneiras de falar

A divergência entre os pensamentos dos dois filósofos está centrada na indagação da arte como modo de conhecer o mundo. Enquanto Platão considera a poesia como produtora de ilusões e

distorções, incapaz de representar o mundo, Aristóteles atribui à tragédia um lugar destacado na cultura grega antiga, através da produção de catarse, da absorção das experiências representadas pelo público como criação de saberes.

Aristóteles confere a “Édipo Rei” de Sófocles (2018) o título de tragédia exitosa no efeito catártico, diante da habilidade do autor na organização e sucessão de cenas, no desafio de representar os mitos e a sociedade grega. Em “Édipo Rei”, sacrifica-se a felicidade do protagonista, para transmitir ao público uma experiência coletiva sobre as relações entre as esferas pública e privada. Costura-se uma relação entre o mal familiar que atinge Édipo, referente ao incesto e ao parricídio, e as crises que afetam o povo de Tebas. Luc Ferry (2009), entende, conforme a cultura da época, que se trata de um processo de equilíbrio das forças cósmicas. Desse modo, é necessário que Édipo encare a verdade sobre si, para uma nova linhagem de poder em Tebas, e assim, seja alcançada justiça e prosperidade.

A catarse ocorre através da “montanha-russa” de fatos. Assim, a tragédia representa as experiências da vida: o acaso, as fatalidades, os encontros, as perdas. A “montanha-russa”, na crônica de Duvivier conduz o pássaro filhote do ninho ao destino. Nesse percurso, o narrador cria paralelismos com o processo democrático brasileiro, a exemplo do seguinte trecho:

O garoto ia bem quando Fachin me inventa de absolver Lula, e em seguida Gilmar, de condenar Moro. Um vizinho põe pra tocar “Lula lá”, enquanto outro berra “fora, Bolsonaro”, e um terceiro berra “Lula na veia/ Moro na cadeia”.

O trecho “O garoto ia bem” indica a ação da “montanha-russa”, haverá mudança de estado. O narrador associa o fato inesperado no destino do passarinho às reviravoltas da instável democracia brasileira: Lula retornou à condição de pré-candidato na corrida eleitoral após o STF anular a condenação.

Marieta, a pequena filha do narrador se encanta com a possibilidade de cuidar do pássaro filhote, talvez ele não possa voltar à natureza, pelas sequelas da queda do ninho. Nesse momento, o narrador, no ato da escrita, cogita possibilidades metafóricas sobre um país agonizante, em crise, e conclui: “Um cronista vê o mundo como um extrativista, só pensa nas crônicas que conseguirá extrair dos sofrimentos que vê por aí”. A cena cotidiana se transforma em pensamento sobre o Brasil e, também, sobre a representação literária na crônica. O narrador descreve a criação da crônica como processo de colheita de elementos da realidade. Como um fotógrafo, o cronista captura imagens, cenas e fatos do cotidiano, da realidade, da experiência coletiva, para criar ficção, ficcionar, ou seja, dar forma ao real, criá-lo, representá-lo.



O complexo de Édipo será severamente criticado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011), na criação da obra “O Anti-Édipo”, para proposição de um outro pensamento sobre a subjetividade e o inconsciente: a esquizoanálise. Os autores questionam a validade da obra freudiana, tendo em vista que o complexo de Édipo surgiu da autoanálise do seu criador e se torna padrão para análise dos fenômenos psíquicos. Segundo eles, a psicanálise surge com pretensões universalizantes, hegemônicas e colonizadoras. Propõem um pensamento em devir, contrário a padronizações, para criações de subjetividades múltiplas. Em oposição à psicanálise que propõe a interpretação de um inconsciente oculto, a esquizoanálise propõe criações de subjetividades e desejos.

Juntamente a autores pós-estruturalistas, Deleuze e Guattari esboçam a filosofia contemporânea. A arte e as filosofias contemporâneas a partir do final da década de 60 do século XX, propõe rupturas com ideias totalizantes e padronizadas. Portanto, a arte contemporânea será aquela que foge às descrições, às escolas, aos manifestos, filha dos pensamentos e dos movimentos políticos emancipadores, democratizantes, amantes da diversidade e da experimentação. Cabe questionar, portanto, uma passagem da representação literária à criação de subjetividade, de inconsciente de experiências de coletivas e discursivas transformadoras do mundo.

Tal como a montanha-russa simula um trajeto, um relevo irregular, quedas, subidas, para gerar efeitos nos passageiros, num contexto de um parque de diversões, a arte simula, engana, imita, representa, sugere, cria situações análogas à cotidianidade, metafóricas, experiências de representação ou de criação de objetos capazes de agir e transformar as subjetividades, os corpos, os espaços e as relações com a política, com a complexidade da vida e as percepções da natureza e da cultura.

A imagem da montanha-russa como representação da vida pode nos soar, primeiramente, como absurdamente simplória, próxima às metáforas instantâneas e apelativas do mercado lucrativo da literatura de autoajuda. Contudo, a potência irônica da narrativa de Duvivier nos coloca diante duma dinâmica de embrulhar o estômago, um refluxo de nossos traumas, dos sapos que engolimos, dos solavancos e ânsias de vômitos das cenas cotidianas de crueldade e desumanidade, diante da vida e da morte. A montanha-russa, embora seja uma imagem clichê e pueril, nos conduz como hipérbole da instabilidade, da imprevisibilidade e do esgarçamento das sensações e sensibilidades.

### 3 O CRONISTA, O NARRADOR E A MENINA

Gregório Duvivier, ator, escritor e roteirista, publica crônicas semanalmente na Folha de São



Paulo. Percorre temas políticos, familiares, o cotidiano durante a pandemia de *covid-19*, reflexões sobre cultura e linguagem. No “Porta dos fundos”, grupo de produção audiovisual, é ator e roteirista. Esse ensaio dialoga com um pequeno fragmento de sua vasta produção artística, convidando ao debate sobre a potência da sua literatura, em conexão constante com outras linguagens.

Duvivier oferece elementos a ricos debates sobre a política, o riso, a subjetividade contemporânea, sendo um importante representante da crônica brasileira contemporânea, tendo em vista que no seu corpo e na sua escrita expressa o ridículo, a idiotização dos nossos cotidianos, os absurdos imbecilizantes da linguagem, dos discursos, das opiniões técnicas ou de botequim, do capitalismo e da publicidade em processos agressivos de intensificação. O viés cômico – e ridicularizante – do seu trabalho como ator e roteirista evidenciam sua vocação à crônica, território literário de exploração máxima do não sentido de nossas vidas. As crônicas nos auxiliam no processo crítico de desautomatização dos nossos cotidianos, colocando nossos hábitos sob suspeita. Ao trabalhar com o ridículo e o absurdo, Duvivier suscita reflexões, resistências políticas e tensionamentos sobre o presente, a cultura e as imperfeições humanas.

No filme “A primeira tentação de Cristo”, do grupo Porta dos Fundos, lançado em dezembro de 2019 na *Netflix*, Duvivier encena um Jesus Cristo homossexual e jovem. O filme propõe uma analogia ou apropriação com o longa-metragem de Martin Scorsese “A última tentação de Cristo”, estrelado por William Defoe, de 1988. O filme de Scorsese também sofreu censura no Chile, caso julgado pela Corte Interamericana de Direitos Humanos em 2001 (CHIPLE; PRAZERES, 2021).

Às 4h da manhã do dia 24 de dezembro de 2019, dois coquetéis *molotov* foram lançados contra o prédio que abriga a sede do Porta dos fundos (ALBUQUERQUE; BABON, 2021). O atentado é ápice de uma série de perseguições e violências contra a liberdade de expressão artística no Brasil. O filme do Porta dos Fundos foi censurado por decisão judicial e voltou a ser exibido na *Netflix*, após análise do STF (TEIXEIRA, 2021). A peça teatral “O Evangelho segundo Jesus: Rainha do céu”, na qual Jesus é encenado por uma atriz travesti, Renata Carvalho, também sofreu forte perseguição judiciária em 2017, impedida de ser encenada em alguns teatros (DOMINGUEZ; SOUZA, 2021).

Nesse contexto de intensas disputas políticas e violências, Duvivier é uma das principais presenças artísticas de resistência, pela amplitude da sua atuação, no cinema, teatro, na literatura, televisão, internet e pela firmeza de seu discurso sobre o campo político brasileiro. Tornou transparente sua oposição à candidatura e ao governo Bolsonaro. Nessa crônica o narrador segue afetado pela

eleição de Lula à presidência, em 2002, indignado com o golpe de 2016 e, ainda sente a dor da derrota da eleição de 2018.

Na crônica de Duvivier há uma presença tímida, mas relevante para discutir a representação literária. Uma pequena personagem deixa um vestígio, um convite para indagar as dimensões da realidade e da ficção na crônica. A pequena filha do autor é representada. Marieta, como as meninas da tela de Velázquez está representada na crônica para nos confundir ou nos guiar? Velázquez pinta a si mesmo no seu exercício artístico. Do mesmo modo, Duvivier cria uma crônica que representa seu ato de escrita, seu cotidiano familiar, sua pequena filha. Tensiona a fronteira entre o autor e o narrador, ao representar sua vida íntima, sua própria subjetividade.

Em algumas de suas crônicas, Duvivier (2021) representa a sua filha Marieta, a evidenciar a relação pai e filha como um devir-criança (DELEUZE; GUATTARI, 2014), um agenciamento entre o mundo sem sentido e utilitário do adulto e a ludicidade e fantasia infantis. Em seus cotidianos pai e filha devem negociar as dimensões da realidade e da fantasia, entre brincadeiras, aprendizados recíprocos e transformações subjetivas. A presença da criança no cotidiano é chave para interpretação da crônica de Duvivier, na medida em que os desejos e comportamentos da filha criam desterritorializações da subjetividade paterna, manifesta em ações, hesitações e rupturas narrativas.

A crônica é um gênero literário próprio à representação da subjetividade do autor. Embora não seja regra, pois é comum observar o distanciamento entre autor e narrador, é muito frequente a exposição da subjetividade dos cronistas. Na contemporaneidade, torna-se marcante o aspecto biográfico nas criações literárias, como estuda Leonor Arfuch (2010).

Duvivier representa, portanto, a si mesmo, a sua filha, ao seu cotidiano, para em outro plano representar a democracia brasileira. O cronista cria um narrador que expõe seus pensamentos, dúvidas e as estruturas do seu processo criativo. Na leitura da crônica cabe perguntar quem fala: o cronista ou a representação que faz de si? Na medida em que a crônica representa, Duvivier cria, através do narrador e sua narrativa, pensamentos críticos sobre a democracia brasileira, cria experiência figurativa e afetiva com sua filha, cria sua própria subjetividade.

Não se trata, portanto, de opor representação e criação, mas de perceber suas dimensões, derivações, ritmos e potências: numa representação há potências de criação de algo antes inexistente no mundo, numa subjetividade, num modo de pensar; uma criação, pode partir de um modo de representação e, assim, romper com dualismos, espelhamentos, pra assumir um corpo na

realidade.

Embora numa primeira leitura ouçamos uma voz que conta fatos reais de sua vida, devemos nos atentar para a potência artística da literatura, capaz de criar imagens, fatos, subjetividades, personagens. Na verdade, Velázquez não está presente em sua obra, observamos apenas uma possibilidade de representação de si, a ativar o jogo da obra “*Las meninas*”. Não podemos conhecer Duvivier pela sua crônica, mas temos acesso a uma criação que o artista faz sobre si.

#### 4 CONCLUSÃO: UM PÁSSARO IMPEDIDO DE VOAR

Tudo cabe na montanha-russa: a vida, os desejos, a instabilidade de uma democracia frágil. A democracia brasileira é frágil como um filhote de passarinho e dinâmica como um trajeto numa montanha-russa. Os *loppings* nas montanhas-russas, nas narrativas literárias, nos roteiros audiovisuais, nos acontecimentos inesperados da vida e nas suspensões das garantias democráticas, quebram expectativas, alteram rumos, desequilibram. Embora a vida seja um passeio de montanha-russa como descobrem Édipo e o narrador-Duvivier, a democracia deve ser um trem de ferro, uma malha ferroviária, aérea, estável, apesar das disputas, transformações e expansões.

A crônica de Duvivier representa a democracia no Brasil – ou o Estado democrático de Direito – como um pássaro filhote, machucado, impedido de regressar à natureza e aprender a voar. Representa a flutuação de um cronista, entre seu cotidiano familiar, sua visão sobre a política partidária e seu ato de criação. Representa, também, o fluxo da vida e a natureza, através do filhote de passarinho. Cria uma interpretação sobre o processo democrático, um pensamento crítico, experimenta a produção de subjetividades.

No mesmo momento em que a crônica desenvolve os processos de representação, acompanhamos a criação de um cronista. Gregório Duvivier pinta sua própria imagem numa tela, ao escrever sobre o cronista, sobre o pai da personagem Marieta, sobre o eleitor de Lula. Propõe um sistema de representações, como Velásquez, e cria a si mesmo e suas experiências.

Ao final da crônica, o desespero pelo sumiço de Carioca é substituído por um achado: um ninho com três filhotes. Supostamente, um deles é Carioca. Prefere-se acreditar que o filhote trocou de ninho, que crescerá com os outros filhotes, que eles aprenderão a voar e se tornarão sanhaços-cinzentos esverdeados. A opção do narrador e de sua família é acreditar no fluxo da vida, na aterrissagem segura e confortável, após uma longa montanha-russa.

No desfecho, portanto, o narrador expressa um desejo de resistência, de esperança, de crença no

futuro. Ao supor a continuidade de Carioca em outro ninho, irá transmitir à sua pequena filha, a complexidade da vida e a importância de desejar resistir. A menina seguirá encantada com os cuidados solicitados pelos filhotes, num aprendizado sobre o ritmo da natureza. Com a menina, podemos esperar, um outro trajeto para a democracia brasileira, num trilho seguro.

O narrador, no seu ato criativo, afirma a liberdade de expressão artística e de manifestação política, bases da representação e criação modernas e contemporâneas. Gregório Duvivier, alvo de censura, violentado em suas liberdades, perseguido por encenar um Cristo, resiste, na arte, na criação, numa montanha-russa, com os punhos cerrados na trava de segurança, em movimento.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. trad. Davi Pessoa Carneiro. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ALBUQUERQUE, Ana Luiza; BARBON, Júlia. **Sede do Porta dos Fundos é atacada com coquetéis molotov no Rio**. Folha de São Paulo. 2019. Disponível em <[https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/sede-do-porta-dos-fundos-sofre-ataque-a-bomba-na-vespera-do-natal.shtml?utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=compwa](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/sede-do-porta-dos-fundos-sofre-ataque-a-bomba-na-vespera-do-natal.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa)> Acesso em 23 jun. 2021.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. 1ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010

ARISTÓTELES. **Poética**. 2ª ed. trad. Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. **A vida ao rés do chão**. In Para gostar de ler: crônicas, volume 5. São Paulo, Ática, 1992.

CHIPLE, E. G; DOS PRAZERES, P. J. A. **O Caso “A Última Tentação De Cristo” (Olmedo Bustos e Outros) Vs. Chile: Uma análise sobre direitos humanos e democracia**. *Revista Paradigma*, 28. Disponível em <<https://revistas.unaerp.br/paradigma/article/view/1751>> Acesso em 29 out. 2021.

DELEUZE, Gilles; Félix GUATTARI. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2015.

\_\_\_\_\_. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. 2ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora 34, 2014

DOMÍNGUEZ, Juan Manuel P.; SOUZA, Nahor Lopez de. **Deus e Jesus são transgêneros**. *Mídia Ninja* 2019. Disponível em <<http://midianinja.org/juanmanuelpdominguez/deus-e-jesus-sao-transgenero/>> Acesso em 20 out. 2021



DUVIVIER, Gregório. **A vida é montanha-russa, e só se pensa em 2022, mas ainda não superei 2018**. Folha de São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriioduvivier/2021/03/a-vida-e-montanha-russa-e-so-se-pensa-em-2022-mas-ainda-nao-superei-2018.shtml>> Acesso em 29 out. 2021

\_\_\_\_\_. **Quem nunca pecou que expila a primeira pedra**. Folha de São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriioduvivier/2020/10/quem-nunca-pecou-que-expila-a-primeira-pedra.shtml>> Acesso em 29 out. 2021.

FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver II**. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOLANDA, Luísa Severo Buarque de. **Crítica e Elogio da Poesia em Platão e Aristóteles**. Kleon-Revista de Filosofia Antiga. Disponível em <<http://www.pragma.ifcs.ufrj.br/uploads/K11-LuisaSevero.pdf>>; Acesso em 26 mai. 2021.

PLATÃO. **A República**. Tradução e Organização de J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva: 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad. Mônica Costa Netto. 4 reimp. São Paulo: Editora 34, 2018

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. trad. Mário da Gama Kury. 1ª. ed. São Paulo, Zahar: 2018.

TEIXEIRA, Matheus. **STF mantém decisão que derruba censura a especial de Natal do Porta dos Fundos**. Folha de São Paulo. 2020. Disponível em <[https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/11/stf-mantem-decisao-que-derruba-censura-a-especial-do-porta-dos-fundos.shtml?utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=compwa](https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/11/stf-mantem-decisao-que-derruba-censura-a-especial-do-porta-dos-fundos.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa)> Acesso em 23 jun. 2021.

VAN DER PUT, Rodrigo. **A primeira tentação de Cristo**. 46 min. Netflix, 2019. Disponível em <[www.netflix.com](http://www.netflix.com)> Acesso em 29 out. 2021.

VELÁZQUEZ, Diego Rodríguez de Silva y. Las Meninas. Museo Nacional del Prado [1656]. Disponível em <<https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/las-meninas/9fdc7800-9ade-48b0-ab8b-edee94ea877f>> Acesso em 18 Jun, 2021.